

Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude – CECE



Conselheiro
Marcelo



Jonas
Reis



Hamilton
Sossmeier



Mari
Pimentel



Prof. Alex
Fraga

003ª CECE 27FEV2024

Pauta: Meio Ambiente e Sustentabilidade em Todos os Níveis de Ensino – A Educação Ambiental nas Escolas.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): (14h17min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude – CECE. Boa tarde a todos os presentes, Ver. Prof. Alex Fraga, Ver. Jonas Reis, Ver. Hamilton Sossmeier, Ver.^a Mari Pimentel e Ver. Conselheiro Marcelo que é quem vos fala.

Esta pauta que chegou até a nossa comissão é muito importante, principalmente nos dias atuais que estamos vivendo, enfrentando, e da importância que temos que dar a esse tema, principalmente para as nossas crianças, para as escolas, que trata do tema do meio ambiente e sustentabilidade em todos os níveis de ensino. Foi uma pauta solicitada para a nossa comissão e que, com certeza, hoje acredito que conseguiremos realizar. Através desses parceiros que estarão aqui trazendo e falando sobre esse tema, poderemos dar um rumo diferente, principalmente para o nosso futuro, principalmente na cidade de Porto Alegre, onde nos deparamos muito com o meio ambiente de uma forma deplorável. Então, essa é a realidade que nós estamos tratando, é uma realidade que muitos

não perceberam, mas o planeta está passando por mudanças e, com certeza, se não mudarmos e começarmos pelos nossos filhos, pelas nossas crianças, dentro da escola, futuramente não teremos muitas coisas que temos hoje. Agradeço por esse tema, por trazer esse tema tão importante, principalmente para esta comissão, onde eu me sinto muito confortável. Temos vários vereadores aqui que já são envolvidos com o tema da educação. Eu, como conselheiro tutelar por quase 20 anos, também sempre tive um trabalho muito forte dentro das escolas, principalmente com as diretoras que fazem essa gestão maravilhosa, especialmente nessas mudanças necessárias que precisam ter. Quero fazer o convite para fazer parte da Mesa, mas, antes, eu peço que todas as pessoas que vierem para cá, antes de falarem no microfone, sempre digam o seu nome e a entidade que está representando, porque ficará gravado nas notas taquigráficas para que, posteriormente, vocês possam ter acesso a tudo o que tratamos e decidimos nesta reunião de hoje. A nossa gratidão a todos vocês aqui nesta tarde.

Chamamos para compor a Mesa a Sra. Juliana Herpich, representando a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade de Porto Alegre – SMAMUS; a Sra. Angélica Kafrouni, supervisora; e a Sra. Rosella Bruxel de Quadros, vice-diretora, representando a EMEB Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha. Esta é uma escola onde eu trabalhei com o Vieira da Cunha por quatro anos, fui seu assessor, estive por diversas vezes na escola junto com o Vieira, que levou o nome do tio dele. Fico muito feliz em já conhecer a escola e saber da história, da reponsabilidade e do trabalho que vocês têm naquela comunidade. Parabéns pelo trabalho de anos que vocês têm com aquela comunidade escolar. A Sra. Mariângela Guerreiro, professora de graduação em Direito da Faculdade João Paulo II – Porto Alegre, pós-doutora, doutora e mestre em Direito pela PUCRS, pós-doutora em Direito Ambiental, pesquisadora na área do direito ambiental, inteligência artificial, processo civil, direitos humanos, processo ambiental e doutorado em Direito Ambiental em 2015. Seja bem-vinda, muito obrigado e, com certeza, terá muito a contribuir, principalmente para nós, que estamos tentando fazer essas mudanças na nossa cidade. Também quero

chamar aqui o Sr. Ricardo Silveira, representando o Grupo Eclipse; a Sra. Lia Wilges, do gabinete do prefeito – SMGOV, que é coordenadora do Plano de Logística Sustentável da Prefeitura, presidente da Câmara Técnica de Educação Ambiental do Comam e lotada no gabinete do prefeito, por favor seja bem-vinda; a Sra. Kelly Souza, representando a Secretaria Municipal de Educação; a Sra. Tatiane Reis, articuladora de inovações, e a Sra. Carolina de Campos Derós, diretora, representando a EMEF Porto Novo.

Antes de darmos início, algum vereador gostaria de fazer uso da palavra? Ver. Jonas Reis, por favor.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Obrigado, presidente Marcelo, aos demais colegas vereadores, Hamilton, Mari Pimentel e Prof. Alex; é uma satisfação estar aqui novamente na nossa Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude, cumprimentando a direção da escola Porto Novo a escola Liberato; cumprimento também os membros do governo e as demais pessoas e instituições aqui presentes. Queria só frisar que é muito importante esse tema para a cidade. Por quê? Nós tínhamos antes, por exemplo, contêineres para lixo seco na zona central de Porto Alegre, e o governo Melo retirou; ele disse que a população não usava, e, aí, retirou. Essa não é a solução, a solução é o debate educacional sobre qual crise é essa que a gente vive no mundo pela própria agressão humana, que é a espécie que mais se multiplica, mais invade territórios, mais mexe com os biomas, destrói outras formas de vida. E, se nós não trabalharmos isso desde a tenra idade, nós não teremos uma mudança real na sociedade que a gente quer com sustentabilidade. Quando a gente fala em desenvolvimento, não existe desenvolvimento com agressão. Esse trabalho que as escolas já fazem, e fazem muito bem, precisa ser potencializado cada vez mais com investimentos. Aqui é importante lembrar que a SMED tem R\$ 1 bilhão que já foi contestado no Ministério Público de Contas que tem que ser investido em educação, então, dinheiro não falta, mas infelizmente faltam recursos, faltam mais escolas de tempo integral. Nós regredimos nisso, e a escola de tempo integral é a escola que a gente consegue fazer mais atividades, potencializar

mais e desdobrar, fugir daquele modelo só da sala de aula, do professor fechado com os alunos. A gente começa a criar outras rotinas, outras potencialidades. Acho que a gente precisa investir nisso, essa é a minha sugestão para além do processo governamental. Cada governo tem o seu período, tem a sua escolha. O governo Melo já está se caminhando para o fim, fez a sua escolha, e nós temos que fazer uma escolha de cidade, um debate de cidade. Qual o debate de cidade? Plano Municipal de Educação, que nós vamos ter que fazer. Agora foi aprovado o plano na Conae, vai para o congresso, o congresso vai debater, depois nós vamos debater o estadual e o municipal. Acho que agora é o momento de a gente avançar naquele plano que a gente tinha, de 2015; plano municipal aprovado por esta Câmara. Todos os vereadores votaram de forma unânime. Só que ele permanece, de certa forma, na gaveta. Então, a minha sugestão é que a gente faça aqui um debate, possa ouvir vocês e possa fazer o encaminhamento. E já é a minha sugestão da potencialização de recursos para as escolas que já fazem atividades com essa iniciativa, com esse desejo, e que elas possam ser polos de formação de outras escolas, de outros grupos de professores, para a gente não trazer tanta coisa de fora. Olhar também o que acontece dentro que já está dando certo. Então, essa é a minha sugestão aqui para a SMED e para o governo. Obrigado e uma boa tarde de trabalho para nós.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Obrigado, Ver. Jonas. Começamos ouvindo a Sra. Lia.

SRA. LIA WILGES: Eu represento, nesta oportunidade, o gabinete do prefeito; sou servidora, professora da Prefeitura. Ingressei na SMED através da Escola Chapéu de Sol. Nesta oportunidade, a convite do Ver. Conselheiro Marcelo, a intenção é trazer esse olhar e com muita alegria, Ver. Jonas, eu lhe escuto, porque o que eu venho aqui trazer como contribuição está completamente alinhado a sua linha de intenção, de pensamento e de proposição. Então, me alegra que nós já estamos avançando nesse modelo de gestão que traz esse olhar bem entusiasmado e comprometido com a questão da educação

ambiental e sustentabilidade nas escolas. Eu acho que é importante eu destacar, porque também na sua fala o senhor faz referência à lei municipal, que cria o Plano Municipal de Educação Ambiental. Eu também sou conselheira do Comam, como foi aqui referido pelo presidente, e presidente da Câmara Técnica de Educação Ambiental. Porque no Comam, nós temos câmaras técnicas específicas, e eu presido essa câmara que se dedica a trazer esse olhar sobre as questões de educação ambiental no Município. Logo quando eu ingresso nessa função de presidente, o primeiro movimento no grupo – que não é grande, é pequeno, mas muito dedicado – de conselheiros que fazem parte da câmara, a primeira ação foi tirar a lei do papel. Então, como o senhor bem referiu, Ver. Jonas, nós temos sim a lei, é a Lei nº 12.561, de 2019, quando esta Casa então sancionou essa lei. Só que nós não temos um plano, nós temos a lei que cria o Plano Municipal de Educação Ambiental. Então, de um modo bem objetivo, só para contextualizar em que momento nós estamos dessa construção, saindo da ideia para a ação, nós estamos em vias de ter o decreto sancionado, então, assinado pelo prefeito, que cria o comitê que fará a gestão desse plano, que fará, entre outras atribuições, a criação desse plano, a definição dele. E nesse comitê, nós teremos obviamente espaço e acento, não só para representantes do governo, mas da sociedade civil, das universidades, de todos os setores interessados nessa intenção de dar vida e voz à pauta, que é indiscutível a sua relevância, da educação ambiental em Porto Alegre. Nós já estamos – até agora a Juliana, colega da secretaria, da SMAMUS, já me atualizou como é que a gente está. Estamos na iminência de lançar o edital para chamamento público para todos aqueles interessados que quiserem compor o comitê que vai criar o Plano Municipal de Educação Ambiental em Porto Alegre. Dando prosseguimento à minha contribuição, quando o senhor também refere a necessidade de investimentos e não de gastos, mas de investimentos, de recurso financeiro da educação em projetos e conhecendo a rede, como também conheço, nós temos assim historicamente, Porto Alegre tem essa marca do compromisso com projetos de educação ambiental e sustentabilidade. Independente da escola que nós visitarmos hoje, todas as 99 terão um projeto, pelo menos, de educação

ambiental. A grande questão está em identificar as fragilidades que levam, por exemplo, ao esvaziamento da ação, e ela acaba se perdendo, sendo esquecida, e as potencialidades. Então, também alinhado a sua ideia, vereador, nós já realizamos um diagnóstico naquela intenção de não agirmos *top-down* de gabinete e dizer: “Ah, a escola vai ter uma horta”, por exemplo. O diagnóstico vem com dois princípios fundamentais: obviamente, identificar quais são os projetos que as escolas já realizam; e entender, compreender, diante da realidade peculiar de cada uma, quais são os interesses daquela comunidade nos projetos ambientais, o que ela entende como importante naquele momento dentro do seu contexto, como é que ela trabalha isso com a comunidade. Porque também para nós é bastante importante que o projeto extravase os muros da escola e atinja a comunidade, porque aí a gente começa a falar da educação ambiental, aquela prevista pela política nacional de educação ambiental, que é enfática quando afirma que nós não tenhamos olhar só sobre os espaços formais, mas espaços não formais da cidade. Para que, de fato, nós consigamos atingir, através de projetos e políticas, a compreensão do papel de cidadão, a formação de uma cidadania ecológica que nos posiciona em espaços diferentes, onde o Estado não é só cobrado, mas eu me sinto parte daquele território e, portanto, eu atuo também sobre ele. Não adiantaria nós aumentarmos o efetivo de contêineres, por exemplo, se o cidadão porto-alegrense continua colocando o seu lixo que não é resíduo, é o lixo produzido, ao lado daquele reservatório. Então, precisamos qualificar a visão do cidadão de Porto Alegre sobre quais são os seus papéis e as suas responsabilidades. O poder público precisa atuar, por óbvio, e penso e entendo que a sua atuação passa nesse momento em que olha para as comunidades, para as peculiaridades da escola, do território que ela ocupa, identifica quais são as potências ali que se possam ter investimentos assertivos. Diante disso, nós temos, através do decreto nº 21.869, de 23 de fevereiro do ano passado, a criação do Plano de Logística Sustentável – PLS. O PLS tem um olhar endo para as políticas, para as rotinas da administração. Ele se debruça sobre a A3P, e as diretrizes temáticas dele são as mesmas da A3P. A3P significa Agenda Ambiental na Administração Pública. Não são documentos

criados por nós, são documentos que existem há 15 anos no território nacional, criados pelo Ministério do Meio Ambiente, e eles provocam esse olhar da administração, do gestor público, principalmente sobre as questões de gestão de resíduos, de qualidade de vida no ambiente de trabalho – pessoas bem cuidadas produzem melhor –, sobre as compras e contratações com critérios de sustentabilidade. A questão das edificações também com o olhar específico sobre critérios de sustentabilidade, e o eixo que para mim perpassa todos os outros por ser transversal e fundamental: o eixo da educação ambiental. Então, quando Porto Alegre se desafia a ter um PLS – Plano de Logística Sustentável, ela assume esse compromisso de dar, sim, um espaço fundamental para que todas essas ações, e sobre essa que nós estamos aqui debatendo hoje, possam ter a visibilidade e o espaço que merece. Então o PLS, hoje, envolve a administração direta e indireta do Executivo municipal, todas as secretarias da Prefeitura hoje têm um grupo de servidores engajados diretamente, nós nominamos Grupo Executivo de Sustentabilidade – GES. Hoje, são 212 servidores por portaria, que representam cada um a sua entidade, e eles estão desafiados agora a elaborar um plano de ação socioambiental, e nós já temos resultados dos indicadores que demonstram; e aqui, com muita naturalidade, até eu diria, um cenário que obviamente não é o ideal, e não é tão bom, porque nós pecamos muito ainda, nós temos muito ainda a resolver. Por outro lado, entendendo a questão da oportunidade, é, sim, um espaço que justifica a importância de termos um Plano de Logística Sustentável. As câmaras municipais de todo o território nacional já deveriam ter um PLS, porque aí sim é uma obrigatoriedade. O Executivo municipal de Porto Alegre é o primeiro e o único a ter um PLS, por não ser obrigatório, mas ser necessário, entendemos que era importante tê-lo. E aí, já fazendo um desdobramento e dando encaminhamento ao final da minha fala, no planejamento de 2024 saltou aos olhos a necessidade de termos um PLS específico para as escolas. Na medida em que nós possamos atuar nas áreas, nas diretrizes temáticas que eu referi aqui, dentro da rede, dando esse espaço, que também já referi, de oportunizar à escola o investimento assertivo naquilo que a escola deseja ter no âmbito da

educação ambiental, dos projetos ambientais, a otimização de parcerização de recursos, e aí assim entendemos, com resultados mais assertivos. Então, inclusive temos uma reunião com o grupo da secretaria na quinta-feira, agora, para iniciarmos; o diagnóstico já está pronto, todas as escolas responderam. Um dado que nos salta aos olhos é a questão da água, é um projeto importante que seja trabalhado; o monitoramento, o uso racional, enfim, desse recurso natural, mas nós precisamos entender em que contexto a escola quer trabalhar a educação ambiental e de que modo a gente pode dar esse suporte, bem, então, alinhado à fala do vereador. Essa é uma grande agenda que extravasa muros, então ela não é geográfica, nós precisamos entender que, sim, a nossa ação aqui reverbera no planeta, né? E só para encerrar, acredito que a educação, assim como muitos colegas aqui compartilham da ideia, é o espaço que nos faz ver o futuro lá na frente, é o espaço que nos faz ver esperança no futuro. Então, não haveria outro caminho a nos dedicarmos neste momento que não fosse a questão da educação. Por enquanto é isso, agradeço a oportunidade, o espaço, fico à disposição.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Muito obrigado, Lia. Eu acredito que representando o governo, porque tu estás aqui representando o governo, com certeza tens total legitimidade, até para as escolas saberem o que está sendo tratado, e como vai ser tratado. Então acho que aqui é o momento, eu sempre digo, nas comissões é o momento de se falar a verdade. Mari, eu digo a verdade, eu não sei tu estás acostumada nas tuas... No ano passado, enquanto eu fui presidente da CEDECONDH, nós trouxemos muitas comunidades aqui para dentro desta Casa e fomos verdadeiros com elas, fomos verdadeiros. Então eu acho que nós temos que ser verdadeiros, porque no momento em que as pessoas, no momento em que as entidades, enfim, se colocam à disposição para estarem aqui, elas estão falando, têm fé pública; agora, se vão cumprir, cabe a nós, depois, fazer a cobrança. Então, esse é o nosso papel. O pessoal está vindo aqui, se comprometendo, colocando a realidade, e nós temos esse papel de fiscalizar, nós, como legisladores, nós

somos fiscalizadores do Executivo. Então eu acredito que alguns podem achar graça, mas eu não acho graça, eu levo muito a sério, principalmente na forma que eu vou levar esta comissão, principalmente nesta presidência, este ano aqui, como quando era presidente da CEDECONDH. As escolas estão aqui para falar também. Vamos começar pelas escolas, porque se elas tiverem alguma dúvida, algum questionamento, vamos aproveitar que o governo está aqui, que a SMAMUS está aqui.

Vamos começar pela Escola Liberato Salzano Vieira da Cunha.

SRA. ANGÉLICA KAFROUNI: Eu sou a professora Angélica, sou supervisora dos cursos magistério e EJA da mais maravilhosa escola que o Município administra, que é a Liberato Salzano. Eu quero, primeiramente, agradecer ao vereador pela possibilidade de estar aqui compartilhando um pouco do que se faz dentro da escola e o que se pretende com nossos alunos, enfim, com toda a comunidade. Também quero dizer da satisfação de encontrar a Lia aqui, uma grande parceira, querida, que sempre nos deu muito apoio logo de início quando nós pensamos nesse projeto tão importante para todos. Para não me alongar muito então, nós, no ano passado, recebemos a visita de um jornalista da Câmara de Vereadores, que ficou sabendo do nosso projeto e foi até a escola fazer uma reportagem. Antes de apresentar, gostaria de dizer que a questão ambiental é algo que realmente bate muito forte, eu acho que não só na nossa escola, mas na vida de todos, porque é um problema que, com muita dificuldade, a gente tenta encontrar caminhos e formas de melhorar a convivência entre as pessoas e o meio ambiente. Então, lá na pandemia, em 2021, pensando numa proposta de trabalho com os alunos da Educação de Jovens e Adultos, nós pensamos em trabalhar as ODSs, e dentro dessa possibilidade, então, pensamos em criar alguma forma de sensibilizar nossos alunos, porque todos sabem da problemática do ambiente; todos sabem o que deve ser feito, separação de resíduos, enfim, mas, efetivamente, nós temos muita dificuldade de lidar com isso até dentro da própria escola, na administração com os nossos funcionários e colaboradores. Então pensamos em buscar uma forma simples,

nada de muito extraordinário, que trabalhasse dentro do cotidiano da escola e que alguma luz fizesse perceber a necessidade de novas ações e de grandes ações dentro do mínimo, que é a nossa caminhada na escola. O projeto então leva o nome de No Infraordinário: Ser e Transformar, com essa ideia de que não precisamos de muito para que os nossos hábitos sejam transformados; não precisamos de muito para tornar a escola um agente realmente transformador de vidas. Então, eu vou deixar que a reportagem aconteça; no final, eu e a Rosella, vice-diretora, podemos dizer como o projeto está indo hoje.

(Procede-se à apresentação.)

SRA. ANGÉLICA KAFROUNI: Resumidamente esse é o nosso projeto; claro que, a cada ano, tem um novo desdobramento, ele prossegue a cada ano, como eu disse, os alunos.. Por exemplo, aqueles dois alunos já não fazem mais parte do corpo discente da escola, eles estão afastados, porque aí já tem essa particularidade; enfim, continuamos sempre com esse mesmo desejo de implementar cada vez mais. Então, nós temos uma máquina trituradora e uma máquina injetora para transformar aquele resíduo plástico em alguma coisa para vida toda, que eles possam entender que aquilo ali, aquilo que normalmente está lá, entupindo os bueiros, ou o que eles largam em qualquer lugar, realmente tem algum valor agregado. A máquina injetora está passando por uma dificuldade porque ela entope muito; bom, são problemas que a gente vai verificando no momento em que vai sendo utilizado; nós estamos agora providenciando uma modificação nessa máquina para que ela realmente seja mais efetiva e que consiga produzir em uma escala um pouquinho maior. A reciclagem do papel também, criamos novas turmas a cada semestre, engajando alguns professores para que isso dê continuidade. A horta continua, não é, Rosella? Agora, o objetivo maior desse semestre é mostrar para toda a comunidade escolar que os resíduos têm um local próprio para o descarte. Nós temos, ali na frente da escola, uma situação muito crítica, que é um descarte indevido. A Prefeitura faz o seu papel, sempre, uma vez por semana, vai lá e recolhe, mas ainda continuam

colocando esses objetos na frente da escola. Então, organizamos alguns grandes coletores, fizemos um concurso, onde os alunos criaram, como é que eu chamei? Mascotes de cada tipo de resíduo; esses coletores serão dispostos na escola, com o endereço certo, para que eles saibam que o papel vai ser colocado em tal lugar, só naquele lugar; temos vários coletores coloridos, com foto, e não adianta. Então, às vezes, as crianças ficam indecisas: “O que é isso aqui que tem na minha mão? Onde é que eu vou colocar? E acaba descartando em qualquer lugar; então, a ideia é mostrar que cada resíduo tem o local certo, o endereço certo onde deve ser descartado. A ideia é essa! O compromisso, como tu mesmo falaste, Lia, é de todos. A escola é, sim, uma das instituições mais poderosas, transforma realmente as pessoas. E não só ela; quando da presença da Lia na escola, nós conseguimos a aproximação de várias secretarias, de várias empresas; então, é esse engajamento de todos da sociedade civil que vai dar condições para que as escolas realmente consigam atender e dar conta de compromissos que não são só nossos, mas que a gente toma como nossos.

Vou passar um pouquinho a palavra para a Rosella, também, para não ficar só eu falando; ela me ajuda.

SRA. ROSELLA BRUXEL DE QUADROS: Bom, eu sou a Rosella Bruxel de Quadros. Eu só gostaria de dizer que eu trabalho há 21 anos na Liberato e essa questão da sustentabilidade é uma luta para vida, tem horas que a gente avança, tem horas que tem que dar uma parada, uma repensada e continuar de novo. E, realmente, a gente acredita que Porto Alegre seja e é uma cidade educadora e que as coisas só se conseguem quando todos se reúnem. A Angélica já falou, e é bem interessante ver o quanto os alunos da escola estão crescendo nesse caminho. É isso.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Muito obrigado, diretora. Vocês sabem que eu moro na Vila Farrapos, Humaitá, há 48 anos e me entristece muito, é a minha região ali, eu me criei dentro da vila, na comunidade.

E, infelizmente, a nossa região é uma das regiões conhecidas como a região mais suja da cidade de Porto Alegre, que é uma realidade onde a gente, infelizmente, vê crianças de quatro cinco anos com o lixinho largando naqueles locais que infelizmente... E eu aprendi que a maior a questão desses descartes irregular, a maior dificuldade da criatura humana é a própria criatura humana.

Então a senhora falou que o DMLU faz a limpeza na parte da manhã, e na parte da tarde o pessoal já leva tudo de novo... Ah, mas eu não boto o lixo na rua; mas eu vou lá, dou R\$ 10,00 ou R\$ 15,00 para o carrinheiro, que diz: eu vou botar lá no lugar certo; mas virou a esquina, ele vai largar. E essa questão, eu acredito, nós acreditamos, tem professor aqui do meu lado, é um entusiasta também, que acredita na educação, que sabe que lá no início, não é professor Alex, se trabalhar dessa forma, eu acredito que a gente consiga fazer essas mudanças, porque são eles que vão corrigir os adultos; e muitos eu já vejo corrigindo os adultos, só que é muito difícil porque tu “enxuga gelo”, não é? Infelizmente, é uma realidade que está aumentando cada vez mais. Hoje tu passas por aquela região da Arena ali, descartes e descartes de lixo, é um absurdo; e tu conversa, aí vem a chuva alaga as casas... E aí, qual é o motivo? A gente abre pedido de providência para o DMLU, o DMLU vai lá, tira a foto dos bueiros, principalmente em dia de jogos, é garrafa, é lata, é copo descartável, tudo dentro dos bueiros. Então a própria criatura humana é a responsável por essas dificuldades. Não adianta. Infelizmente nós temos que trabalhar muito e começar nas escolas; fortalecer as escolas porque se não fortalecer, se não der condições para poder ter esse trabalho, a gente vai continuar “enxugando gelo”. Pois não.

SRA. FERNANDA FORNARI VIDAL BARAZZUTTI: Eu sou a Fernanda, sou da Secretaria de Educação, da assessoria pedagógica, eu só queria fazer uma consideração sobre o descarte, que realmente é bastante complicado, que, por mais que a gente fale o tempo todo, até para os adultos é difícil, nas escolas, na sala dos professores, quando a gente vai ver, a gente for analisar o lixo, tem coisas colocadas no lixo inadequadamente. Aqui na Câmara Municipal, se a gente no final do dia for olhar os lixos, vão ter coisas colocadas nas lixeiras

erradas. Porque as pessoas ainda não estão totalmente apropriadas do que exatamente vai para cada lixo. Dependendo do tipo de plástico, dependendo do tipo de papel, as pessoas se confundem, porque se o papel está molhado ou se o papel está sujo, ele vai para o orgânico. Então, é uma coisa que tem que ser trabalhada muito ainda, e as pessoas não sabem. É uma coisa que tem que estar sempre sendo retomada, e o descarte realmente não é feito adequadamente.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Muito obrigado. Todos conhecem aqui o Parque Mascarenhas de Moraes, no parque Humaitá?

Está acontecendo algumas obras e algum tempo atrás também acontecendo obras, se vocês passarem lá e verem – eles começaram a abrir alguns buracos –, quanto tempo o lixo leva para se degradar. Eles começaram, porque tem que fazer valetas, estão construindo quatro quadras de *beach tennis* lá, no Parque Mascarenhas, a quantidade de sacos de lixo que está saindo, porque lá era, há muitos anos, um lixão. E, tanto é que as obras ali, os empreendimentos se tornam muito mais caros, porque naquele terreno, tem que ter 7 metros para baixo para poder fazer a troca, porque é muita combustão, é muito gás que se tirou durante todos esses anos, e tanto é que no meu condomínio não se pode plantar nada e consumir, porque é impróprio, devido a essa real situação. Isso aí foi feito lá atrás, por que que foi feito lá atrás? Por que que não foi feita tratado lá atrás? E nós estamos colhendo hoje. Então é uma mudança necessária que começa na escola.

A Sra. Carolina de Campos Derós está com a palavra.

SRA. CAROLINA DE CAMPOS DERÓS: Eu sou Carolina, sou a atual diretora da Escola Porto Novo. A gente acredita na questão da educação ambiental na perspectiva da inovação e da construção das múltiplas aprendizagens. Uma das falas que a Lia fez ali no início para gente, é o ponto principal de partida. Trabalhar a sustentabilidade, trabalhar a educação ambiental, se a gente não trabalhar, as pessoas envolvidas no processo, não há trabalho efetivo. Então não adianta eu querer implantar a horta, eu querer implantar o biodigestor, mas

eu não ter pessoas comprometidas e que entendam o porquê nós estamos trabalhando aqueles elementos. Até o pessoal pode estar se perguntado no começo: por que que a Carol trouxe a articuladora de inovação junto aqui para falar sobre a educação ambiental e não a professora de ciências? Porque é justamente isso, é essa interligação no nosso trabalho para trabalhar o humano cada vez mais, tem sido feita lá na escola.

Próximo *slide*. Para explicar da Porto Novo um pouquinho, a gente faz parte do grupo das escolas integrais de Porto Alegre, que é um programa que se iniciou em 2021, foi construído pelos diretores das escolas, junto com alguns assessores da SMED, começou a funcionar de fato em 2022, e dentro desse programa, a gente dividiu a organização por eixos de trabalho, e dentro desses eixos, a gente tem um bem forte que é o tecnologia sustentabilidade; qual é a ideia desse eixo, é que cada escola possa dar o seu olhar seja mais para as questões de sustentabilidade, mais para as tecnologias através do perfil da escola e do perfil do território da escola para poder ter o máximo de respeito aos projetos políticos pedagógicos vigentes.

Sobre a Porto Novo, ela fica localizada numa área de reassentamento da Nova Villa Dique, então a gente vive com esta comunidade que originalmente eram de catadores de lixo, tanto que a primeira iniciativa de reciclagem do Brasil está lá na Villa Dique Velha e está localizada neste momento ao lado da nossa escola que é o galpão Santíssima Trindade. Tem muita coisa positiva ali no nosso entorno e muita coisa que também ela acaba sendo desvalorizada pelo resto da comunidade como, por exemplo, a questão do próprio galpão de reciclagem, porque trabalhar com resíduos não é sempre uma coisa que é bem vista pelos outros, muita coisa ligada à questão do lixo, a sujeira, como se fosse um trabalho indigno. Para nós, a percepção é que nós temos ali um potente ecossistema de educação. Então a gente tem tentado, ao longo da caminhada da nossa escola, principalmente após o início do integral, fortalecer ao máximo estes atores que estão no nosso entorno para fortalecer a comunidade como um todo e emponderá-la.

SRA. TATIANE REIS: Boa tarde. Eu sou articuladora de inovação da EMEF Porto Novo. Nós trabalhamos com alguns princípios: um deles é, lixo é um erro de design; o outro é, precisa toda uma tribo para educar uma criança e várias tribos para nos educar. Nós somos um ecossistema de aprendizagem que é composto pela escola, pela unidade de triagem, pelo ecoponto, pelo posto de saúde e só funcionamos na base da inteligência coletiva.

O que é inovação educacional? De acordo com a Unesco, o conceito de inovação educacional é algo que envolve uma ruptura com as formas tradicionais de ensino e aprendizagem, compreende conhecimento por uma perspectiva que questiona os procedimentos educativos baseados na ensinagem e prioriza a criatividade, a autonomia e a construção de outros valores; a gente parte não da ensinagem, mas da aprendizagem. Isso, na prática, quer dizer que, primeiro, nós escutamos o nosso território. A Porto Novo, mais do que um território educador, está inserida num território afetivo, trabalha a educação como um sistema aberto e nós articulamos com todo o território, num trabalho onde todos se unem não pela sustentabilidade, porque, para chegar no conceito de sustentabilidade, a gente tem que ter um território mais saudável. Em pleno antropoceno, a era geológica marcada pelo humano, nós precisamos, primeiro, de atitudes regenerativas para depois pensar em sustentabilidade, porque a gente não quer que se sustente o que nós temos agora.

Amparada em metodologias colaborativas como aprendizagem baseada em projetos, aprendizagem afetiva, socioemocional, criativa, ágil, regenerativa e tecnológica, nós, então, praticamos a inovação educacional para produzir inovação social concreta.

Quais são os nossos objetivos? Desenvolver competência comunicativa, ética, habilidades de negociação, competência colaborativa, criatividade, resolução de problemas e pensamento crítico reflexivo, isso são habilidades e competências para o século XXI, de acordo com a Unesco, OCDE e *hardware*. Na prática, como é que funciona isso na ação? Alguns projetos são a gestão da informação e do conhecimento, a atualização da experiência docente, porque hoje nós, professores, estamos enfrentando um tsunami de coisas novas que precisam ser

reaprendidas e aplicadas. Um dos nossos projetos mais queridos é As Guildas do Conhecimento, que são comunidades de aprendizagem coletiva. Aqui vocês vão ver fotos que mostram eles desenvolvendo game designer, eles desenvolvendo um jogo chamado Escola de Orixás, isso tudo partiu dos alunos, eu sou um mero apoio. Vocês podem ver os nossos espaços, ali são os alunos, a maioria dos alunos que é atendido na sala de inovação são alunos de inclusão, e eles são incríveis.

SRA. CAROLINA DE CAMPOS DERÓS: E esses são eles na PUC dando aula para os adultos.

SRA. TATIANE REIS: Eles explicando, porque nós precisamos educar para autonomia, para autovalor e para autodireção.

Tivemos também a Olimpíada da Inovação numa parceria com La Salle que trabalhava a educação empreendedora a partir da perspectiva deles na resolução de problemas do território. As Ilhas de Aprendizagem é um outro projeto que trabalha com aprendizagem coletiva e autodirigida. Nós temos os projetos de tecnologia e sustentabilidade, onde o professor Marcos trabalhou com eles a questão dos algoritmos. Para vocês terem uma ideia, aquelas caixinhas brancas são caixinhas que trouxeram os carregadores dos Chromebooks, quando chegaram as caixas na escola, a gente se olhou e pensou: “O que nós vamos fazer com isso? É tanta coisa legal”. Porque nada é lixo tudo é resíduo ressignificável e isso foi um sucesso para eles trabalharem a questão dos algoritmos.

SRA. CAROLINA DE CAMPOS DERÓS: E ali ele fez, aquele caminho todo é o algoritmo do lixo. Eles, primeiro, começaram com rotinas de vida comuns a eles para entender a lógica de construção de um algoritmo, aí eles montaram o algoritmo dos lixos depois de conhecer o galpão de reciclagem, ver as diferenças dos resíduos, como que eles deveriam organizar esses resíduos, para depois levar para o computador, então vai todo o processo de desenvolvimento.

SRA. TATIANE REIS: Tudo se retransforma, o atelier de aprendizagem criativa, a sala de inovação Porto Novo foi o maior presente que eu já ganhei na vida. Nós temos um espaço onde a aprendizagem está no centro e, nesse espaço, não há professor todos somos ensinantes e aprendentes e a gente reveza, a regra é: já sabe, já pode ensinar. Na sala de inovação, nós temos 40 computadores e uma tela interativa de 75 polegadas, é um laboratório, se vocês observarem as fotos, vão ver na prática que, quando a tecnologia é mais um entre muitos estímulos, ninguém se vicia. Lá o pessoal leva livro; senta num cantinho; tem desenho, nós estamos com uma tribo de desenhistas maravilhosos; pessoal do 3º ano que chega e diz: “Profe, eu posso ver um tutorial de desenho?”, e eles ficam ali desenhando, praticando. Eles entram: “Profe, o que tem para gente inventar?”, e muitas coisas que são utilizadas ali para inventar vêm do galpão que a gente atravessa e diz: “Eu preciso de caixinhas, eu preciso de tampinhas, eu preciso de papelão”. A gente faz todas essas trocas e os alunos percebem, as famílias percebem essa questão do ecossistema. Nós funcionamos na base da inteligência coletiva e do território afetivo, porque a gente se permite se afetar e trocar, só quem está aberto consegue trocar.

SRA. CAROLINA DE CAMPOS DERÓS: Este projeto é história de um Porto Novo onde os alunos de 2º ano tiveram uma experiência fantástica de contações de histórias não só com os professores ou algum livro mais estruturado, mas com as próprias famílias vindo contar histórias suas, histórias do território também como forma de empoderamento da nossa comunidade. Foram inúmeras as mães que saíram de lá dizendo que nunca se imaginaram num papel desses, até porque muitas delas não letradas e chegaram lá contaram histórias, compartilharam e vai trazendo também este senso de pertencimento cada vez mais a nossa escola até para o engajamento nos outros projetos. Aqui está o fruto do trabalho dos nossos alunos que é o livrinho, depois eu passo para vocês conhecerem, que, inclusive, tem QR Code que é eles contando as histórias, então vocês podem ouvi-los também contando.

O grito pela sustentabilidade Porto Novo e a feira de economia circular. A feira foi um produto que saiu das Olimpíadas de Inovação onde a gente conseguiu mobilizar, junto com os alunos do 9º ano, mulheres da nossa comunidade principalmente e levamos para dentro da escola para que elas apresentassem os seus produtos, os seus artesanatos e pudessem fazer as suas vendas. Já teve uma nova edição do ano passado, a nossa ideia agora é torná-la bimestral na praça em frente à escola; isso aconteceu junto com o Movimento do Grito pela Sustentabilidade, que foi a nossa primeira gincana desse período da escola em tempo integral, onde a gente resolveu trabalhar a questão justamente do descarte ilegal de lixo no entorno da escola, junto com os alunos e pensando soluções. Então foi tudo um grande movimento que foi gerando toda uma articulação de vários atores ali da comunidade no apoio, para fazer com que a gente conseguisse uma redução do lixo no entorno da escola. A gente sabe que é luta inglória em alguns momentos, a gente resolve no momento, volta, mas persistimos.

Um Amor bem Grandão é o nosso projeto de causa animal, começou com o grandão, que está ali pintado num muro, ele foi o nosso primeiro doguinho que apareceu na escola, que já virou estrelinha, mas ele fez toda uma mobilização entre os alunos e professores pelos cuidados dele, e a questão do cuidado animal ali no nosso território é muito complicado, muitas famílias têm muitos cachorros, não são castrados, não possuem as vacinações em dia. Então essa parceria tem sido do coletivo de professores, com o apoio dos alunos, onde os cachorros frequentam as aulas tranquilamente, são outros alunos da escola, e mais o Gabinete da Causa Animal que tem nos apoiado agora e conseguido castrações e vacinações, isso para o território como um todo. Então, por exemplo, em outubro do ano passado, a gente fez uma grande ação de castração lá na escola, onde a gente conseguiu, em 150 cães e gatos, castrar microchipar e colocar as coleiras também para a questão dos carrapatos. Então esse projeto continua, a gente alimenta ele com brechós, que sempre que aparece algum cachorrinho em emergência lá, mal, a gente leva para o atendimento com essa rede de professores, principalmente, maravilhosas, que

abraçam a causa. Aí é uma das ações ali da castração, é 174, eu até errei o número, mas foram 103 cachorros e o resto foram gatos, se eu não me engano, foi isso.

Oficina CriaRenda, eu vou deixar a mamãe do projeto falar.

SRA. TATIANE REIS: Porque, assim, a gente realmente não consegue enxergar aquelas pilhas de resíduo pelo território como um problema; eu, sinceramente, enxergo como recurso; só que, para que os outros enxerguem isso como recurso também, a gente precisa qualificar algumas práticas. Então aqui tem duas ações que nós fizemos em parceria com o Clube de Mães Margarida Alves, a primeira foram três oficinas de *marketing* digital, com uma voluntária, e a segunda foram oficinas de costura onde a Natália, do Instituto Florescer, levou a equipe dela para ensinar as senhoras do clube de mães a reutilizar o material descartado dos guarda-chuvas, e essa senhora faz maravilhas com isso, ela faz mochilas, capas de chuva, faz coisas incríveis. Então ela deu várias aulas, nem lembro quanto tempo a Natália ficou lá, foi um bom tempo, e agora nós estamos levando isso para dentro da escola e estamos levando o pessoal do galpão também para que elas possam se qualificar, e o descarte de tecidos na UT é imenso, e aquilo não é lixo, é material que pode ser destinado a produzir renda e deixar de ser um problema, e não são só os tecidos, eles recebem descarte de móveis, eles recebem descarte de um monte de coisa que pode ser ressignificada, só precisa ser qualificado para isso. Nós já temos inclusive doação de máquina de costura, e vamos começar, em seguida, com as oficinas, temos dois voluntários para dar aula de costura.

Também na parceria com o Clube de Mães, o 9º ano da escola, os formandos, eles precisam de dinheiro para a formatura, eles querem fazer um passeio melhor, e nós trabalhamos com autonomia e responsabilidade. Então eles têm o ano inteiro para levantar dinheiro para as coisas que eles querem, e aí essas foram oficinas de culinária no Clube de Mães, para eles produzirem os lanches que eles vendem na quinta-feira na escola.

SRA. TATIANE REIS: Esse é o queridinho do momento. Nós conversamos com a equipe da UT Santíssima, e todos eles manifestaram a vontade de voltar a estudar, porém, ir para uma EJA, era difícil, e nós não temos EJA na escola. Quando apresentamos a ideia, rapidamente, vários professores se ofereceram para ajudar. Então nós montamos uma turma à tarde nas quintas-feiras para trabalhar a alfabetização, o letramento e prepara-los para fazer as provas do Enceja, começamos nessa quinta.

Temos também a escola de democracia, para nos dar muito orgulho da união Porto Novo...

SRA. CAROLINA DE CAMPOS DERÓS: Esse é um movimento que já vem acontecendo desde 2017, uma tentativa de integração das lideranças comunitárias, porque, bem honestamente, as famílias foram colocadas naquele território, não era desejo delas estarem ali; muitos, inclusive, voltaram para a Dique velha, independente das condições. Então ainda tem muito aquele diálogo: “Porque na Dique é assim, porque na Dique é assim, porque na Morada do Sol, que é outra comunidade, é assado...” Só que nós somos o Porto Novo, nós somos um novo bairro, nós somos uma nova comunidade. Então a escola de democracia iniciou como um movimento para unir o coletivo do território, as lideranças comunitárias, para entender, fazê-los entenderem que eles estão sim falando a mesma coisa, que eles estão com as mesmas lutas, as mesmas batalhas, e que caminhando mais juntinho fica mais fácil. Então o grande primeiro movimento deles foi a questão ali, após termos o prefeito da praça, colocar um nome para a praça, para que ela fosse regulamentada. A gente tem um terreno que é praticamente um elefante branco ali na frente da escola, tem mal e mal uma pracinha infantil, e agora a gente conseguiu finalmente colocar um nome, que é o Valéria Moreira, que é uma liderança comunitária muito atuante, que faleceu no ano passado, mas a gente conseguiu nomear essa praça em homenagem a ela, para, agora, tentar construir nessa praça, uma horta comunitária e outras iniciativas verdes ali, para que eles tenham um espaço de mais qualidade no território.

A horta escolar; então, assim, a gente já tem algumas iniciativas lá na escola, como o biodigestor, que suporta até 10 kg de alimentos por dia. Nós temos uma casinha de abelhas onde a gente tem produção de abelhas Jataí, sem ferrão, e que os alunos cuidam e tudo mais, com a professora de ciências, a professora Aline, e nós temos um espaço de horta, que agora nós conseguimos um novo professor para ficar mais horas ali com a gente, para a gente tocar com mais efetividade esse espaço. A ideia é que essa horta não fique só para a escola, é que ela se transforme numa horta comunitária, porque a gente tem um território onde, frequentemente, a gente está fazendo distribuição de alimentos, onde tem uma pobreza alimentar gigantesca. Então a gente quer que o pessoal, principalmente do galpão de reciclagem, comece esse trabalho junto com a gente ali dentro para gerar alimentos para a nossa comunidade e para os nossos alunos. Então a gente tem o professor Rodrigo, agora, de parceiro, engajado. Nós temos também o documentário que está em fase inicial, que é junto com o Coletivo Catarse e com a unidade ali de saúde Santíssima Trindade, no qual a ideia desse documentário não é fazer um documentário para apresentar a comunidade para os outros, mas, sim, apresentar a comunidade para a própria comunidade. A ideia é emponderá-los cada vez mais, é conversar sobre os problemas do território, sobre as potências que esse território tem, porque, às vezes, é difícil a gente enxergar as potências no meio de tanto problema, não é gente, mas a ideia, ao longo desse ano, é trabalhar justamente com isso, com a produção de um minidocumentário, com *podcasts* sobre o território também, e com uma página do Instagram também para alimentar ali para a comunidade. Eu acho que é isso das ações.

Então é isso, assim, trabalhar a educação ambiental é trabalhar com o humano, quando a gente trabalha com a Carta da Terra lá na escola, a gente coloca, porque a base do nosso PPP é a Carta da Terra, e muitas vezes as pessoas ficam presas à questão de se eu vou trabalhar a sustentabilidade, eu vou trabalhar a horta. Não! As nossas relações é o principal caminho para a gente construir um mundo melhor. Se a gente qualificar as nossas relações, vai ser de mais fácil o entendimento, as pessoas vão conseguir se sensibilizar mais para

qualquer proposta que a gente faça, e nisso eu sou extremamente grata de estar com um grupo, lá na Porto Novo, de professores que pega as loucuras da diretora doida junto e abraça as causas assim, e eu sei que a gente está construindo cada vez mais um território melhor. Ideal? Perfeito? Ainda não. Não existe perfeição, mas a gente vai melhorar o que pode.

SRA. TATIANE REIS: Então, só para concluir, qual é o objetivo de uma escola se não produzir saúde para os seus sujeitos, ambientes e relações? É assim que a gente trabalha. Gostaria de agradecer pela escola, pela nossa diretora, pela oportunidade de estar aqui compartilhando isso com vocês. Obrigada.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Muito obrigado, Carolina e Tatiane. Então, mais uma escola que faz esse trabalho fantástico, inovador. Eu que conheço a antiga Vila Dique, porque eu atendia lá enquanto fui conselheiro tutelar, conheço muito aquela região e a cultura que eles têm, principalmente com essa questão da reciclagem. É uma cultura muito forte que vocês estão sendo incansáveis, que eles têm que compreender de uma forma muitas vezes desenhada, tem que fazer sentido para eles. Então, a importância que tem..., porque a maior dificuldade das pessoas que trabalham com reciclagem é porque tudo é muito difícil, eles trabalham num dia para comer no outro. Essa é a realidade.

SRA. CAROLINA DE CAMPOS DERÓS: É porque essas comunidades vivem na lógica da sobrevivência, então, a gente não consegue projetar uma vida muitas vezes quando a lógica de viver é ter uma comida no prato, e é difícil sonhar. O que a gente está tentando fazer com essa comunidade é que, pelo menos, os nossos alunos consigam projetar uma vida melhor e consigam entender também a força que eles têm para mudar o mundo e para mudar o seu entorno. Nós somos os principais atores, eles são os principais atores desse processo, mas, às vezes, se enxergar como atores num mundo tão difícil é complicado. Então, esse vem sendo o trabalho da escola.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Muito obrigado. Oportunidades! Ver.^a Mari gostaria de fazer uso da palavra. Depois, temos a Mariângela e concluímos com as meninas da SMAMUS.

VEREADORA MARI PIMENTEL (NOVO): Muito obrigada, Presidente Marcelo, pela oportunidade. Agradeço à bancada composta pelos vereadores e especialistas que estão aqui. Eu tenho algumas perguntas pontuais para as escolas, até porque nós acabamos depois tendo notícias pelo jornal ou por outros meios. A minha pergunta para as diretoras é sobre a Coleção Sustentabilidade, que hoje está na capa dos jornais sobre os treinamentos, afinal nós temos mais de 70 mil livros que foram comprados há mais de ano nos depósitos. Se as senhoras que estão aqui e são as grandes incentivadoras da sustentabilidade na nossa rede, afinal, das cem escolas, nós temos duas aqui, por que esse livro ainda não... Vocês já estão trabalhando esse livro em sala de aula? Como isso se insere, hoje, na proposta pedagógica para 2024, dentro do trabalho de vocês que trouxeram aqui? E outra pergunta também para as escolas é se em algum momento o trabalho do Sr. Gustavo Müller, que foi o profissional contratado pela SMED para acompanhar o processo da sustentabilidade, já chegou a vocês? Vocês tiveram contato com ele ou algum treinamento nessa perspectiva?

SRA. CAROLINA DE CAMPOS DERÓS: Bom, ali pela Porto Novo, eu posso dizer que esses livros da Coleção Sustentabilidade chegaram para nós agora no final de janeiro. Os professores estavam de férias, retornaram e agora que eles estão se apropriando do material e também teve uma formação, hoje, introdutória. Vai ter mais uma já marcada pela diretoria pedagógica. Então é um material que ainda está em análise pelos professores agora para uso nas salas de aula. Tem o livro principal e tem um livro para a família também, para encaminhar para as casas. Os professores acharam algumas temáticas trabalhadas ali interessantes, mas eles ainda estão adequando, no caso ali, no

nosso tempo da escola integral também, qual o fluxo de uso desse material. E bem honestamente, assim, eu não me recordo desse profissional ter visitado a escola, a minha pelo menos não.

SRA. ROSELLA BRUXEL DE QUADROS: Os livros também chegaram no Liberato. Os professores já participaram do treinamento, da primeira parte, e eu que gosto do assunto até dei uma olhada e achei interessantes os livros. Mas, como a gente está na segunda semana de aula, ainda está andando. E esse senhor, lá no Liberato, que eu me lembre, não esteve.

SRA. KELLY CRISTINA SOUZA: Sou a Kelly, estou representando a SMED, e os livros foram entregues nesse verão na organização da logística da secretaria. Hoje e amanhã, acontece a primeira rodada de formações. Então, nós tivemos a inscrição, a gente pediu um ou dois representantes para cada escola, porque esse professor que vai fazer a formação vai ser o multiplicador. Então, hoje e amanhã, acontecerão essas formações. Depois, continuam as outras. Tem uma carga horária, se eu não me engano, de 20h de formação para trabalhar o material. É um livro paradidático, então não necessariamente precisa ser tal ou qual professor. A gente indica, daqui a pouco, que seja um professor de ciências, um professor itinerante ou um professor mais envolvido com os projetos de sustentabilidade nas escolas.

VEREADORA MARI PIMENTEL (NOVO): Ok, obrigada.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Passamos a palavra para a Sra. Mariângela.

SRA. MARIÂNGELA GUERREIRO MILHORANZA: Primeiramente, boa tarde a todos e todas. Começo parabenizando pelo convite todos que estão aqui hoje para falar um pouquinho de um tema que a mim é muito caro que é meio ambiente e sustentabilidade. E não adianta nada esse tema a mim ser muito caro

se, a partir de um momento, não há espaços como esse onde a gente discute, onde a gente ouve o outro e onde a gente se enxerga no outro como experiências. E, a partir dessas experiências, a gente pode até levar para o nosso cotidiano, para o nosso dia a dia aquele aprendizado que hoje está sendo aqui tão bonito. Começo dizendo que o meio ambiente é um lugar de encontro, onde tudo interage e tudo está conectado. E é nesse lugar de encontro que eu vejo o outro, eu olho o outro e é lá que tudo tem que acontecer. Eu tinha feito um pequeno PowerPoint para a gente olhar as atividades que eu tenho feito em nível de ensino superior. Eu sou professora da graduação da Faculdade João Paulo II de direito ambiental e sou também professora da pós-graduação da PUC em direito ambiental e sustentabilidade. Senti a necessidade de trazer para os meus alunos uma vivência mais prática daquilo que eu falava em sala de aula apenas a título de legislação e apenas a título de teoria. Não adianta nada ser pós-doutor em direito ambiental e jogar bituca de cigarro no chão. Não adianta nada a pessoa ter doutorado em direito ambiental, sair daqui e não saber qual a diferença entre o verdinho e o vermelho na hora de fazer o depósito da reciclagem. E comecei fazendo um questionário aos meus alunos, entre eles, tem um aqui inclusive. Quais de vocês sabem como fazer a reciclagem? Ninguém sabia. Quem de vocês teve, no colégio, educação ambiental? Ninguém. E eu dou aula para gente de 17 a 80 anos de idade. Os mais antigos não tinham mesmo; os mais novos, ninguém, com 17 anos, saiu agora do colégio... Onde está a preocupação? Não existia. Então, a partir dali, eu resolvi lançar um desafio a eles. Pode ir passando os *slides*, que eu vou direto ao ponto. Vamos lá! (Procede à apresentação de imagem.) Eu ia falar sobre tudo isso, mas desnecessário. Então, vamos... Pode ir passando. A questão da educação na escola, eu senti como uma necessidade, porque se eu vejo que lá na faculdade ninguém tem aquela vivência é porque algo está errado. E esse algo está errado aonde? Na base, na rede. Então, se na base e na rede está errado, vai chegar para mim já de uma forma equivocada. Esse olhar que nós temos que ter deste lugar de encontro. Então eu senti a necessidade de ter uma sensibilização, de trazê-los de uma forma lúdica, de uma forma diferente para que eles

entendessem a minha preocupação. Eu não sou da Zona Norte, eu sou da Zona Sul de Porto Alegre, eu tenho toda uma vivência com o rio, com o Guaíba, além de ser é advogada, enfim, professora, eu remo e também sou velejadora. Então, o que acontece? Eu encontro no rio tudo isso que vocês estão falando, na água, e, a partir de então, eu disse: vou fazer uma coisa diferente com os meus alunos. O que nós fizemos? Meu sobrenome é Milhoranza, e eles me chamam de “Profe Milho”. Fofa, né? Então eles inventaram o batalhão ambiental da “Profe Milho” O que nós fizemos? Nós fomos para orla do Guaíba, dentro do Sava late Clube e depois na orla da Vila Assunção, que fica entre o Sindifisco e o Timbuca, e nós começamos a buscar a retirada dos resíduos. Eles levaram as luvinhas, cada um levou os seus saquinhos e começamos, a partir dali, retirando. Depois, o segundo olhar foi: para onde nós vamos encaminhar todas as latas e todos aqueles dejetos de alumínio e etc. que foram retirados? Nós doamos para uma ONG de coletores, para eles fazerem então um dinheiro com aquilo. As tampinhas de garrafas, inúmeras, também foram doadas. Então a partir daquilo que, para nós, não tem sentido e que não tem nem valor financeiro ou significativo, para outras pessoas tem, e é esse olhar que nós temos que ter. Olhar o próximo, olhar o outro, olhar aquele que necessita daquilo que para nós é totalmente descartável. Então nós fizemos isso. Nós tiramos isso em uma hora e quinze minutos de atividade de dentro do Guaíba. Na realidade, nós fizemos depois a separação. A primeira vez eu comecei com isso sozinha e aí inventei um movimento chamado Meio Ambiente Vila Assunção. Então no início era apenas eu e a minha filha que íamos lá refazer a retirada; hoje nós somos 220 pessoas que estão lá engajadas. Se eu chamar, as pessoas vêm. Claro, como tinha também a possibilidade de eles remarem, a possibilidade de eles velejarem, porque eu dei essa possibilidade para eles depois, nós fizemos a coleta e a retirada dos resíduos de dentro do rio e não apenas da orla. E eles acharam aquilo o máximo, eles gostaram bastante. Então esses são os meus alunos, vocês podem ver não são só pessoas de 17, 18 anos, tem gente de todas as idades, de todas as tribos, de todas as vivências e de todo o jeito ali, mas unidos por uma causa, que é a sustentabilidade.

Pode passar, por gentileza, aí eles me apelidam, além de “Profe Milho” viro Rainha da Sucata e *etc.*, mas eu não me importo, a partir do momento que esse apelido é de uma forma carinhosa, de forma alguma é pejorativo, mas sim para trazer isso para eles. As caixinhas de leite. O que nós fazemos com as caixinhas? Eu trago, nós higienizamos todas as caixinhas de leite, elas são recortadas e são doadas para um projeto chamado Brasil Sem Frestas, que a casa das pessoas de baixa renda que têm aquelas frestas nas casas de madeira, onde se passa frio, onde se passa calor, as paredes estão sendo revestidas com as caixinhas de leite devidamente higienizadas. Então eu passo o semestre inteiro... Meu marido que está ali fica louco comigo, porque eu levo dentro do carro todas as caixinhas de leite que eles me doam, eu chego em casa, eu lavo e higienizo, aí eu disse: não, eles não estão vendo o que está sendo feito, vamos fazer. Então a gente conseguiu o salão do Sava late Clube, então as caixinhas foram higienizadas, foram tratadas, foram recortadas e doadas para o projeto Brasil Sem Frestas, todas elas já prontinhas para serem costuradas. Então, já que aqui era um espaço em que ia se ouvir as escolas, mas também em todos os níveis de ensino, eu achei que era uma oportunidade de mostrar para vocês que a gente, no ensino superior, também tem essa preocupação. Pode passar, por gentileza. Então, a título de contribuição, porque vocês são cheias das ideias e vejo que não precisam disso, mas eu achei muito interessante que lá em São Paulo eles fizeram um uma ação de combate à dengue, que agora inclusive é pauta da Prefeitura aqui de Porto Alegre, e foi muito interessante o que eles fizeram lá em São Paulo. Então, apenas a título de contribuição para vocês e contribuição a este debate tão lindo que estamos tendo aqui hoje, eu trouxe o que foi feito lá em São Paulo. Eles fizeram um mutirão, a partir desse mutirão eles se uniram, desde o professor de biologia, com um olhar do que é o mosquito, qual o tipo de mosquito que transmite a doença e não apenas a dengue, a partir do professor de biologia, então eles criaram uma forma, e aí entrou o professor de ciências para desenvolver, de forma biodegradável, um inseticida para matar o mosquitinho. Foi muito interessante. Eles começaram lá em São Paulo, desde 2015, não é novo, vejam estamos em 2024, mas é uma forma interessante de

lidar com um problema de ordem sanitária, educacional, sim, mas de ordem sanitária também. Então eles fizeram desenhos, pesquisas, eles foram atrás da informação e criaram, sim, gente, estamos falando da educação infantil, do ensino fundamental, eles criaram, com o professor de biologia, com o professor de química, o inseticida específico para o *Aedes*. Sensacional. Pode passar, por favor. Eles estão preparando os cidadãos para uma reflexão crítica, para uma ação social corretiva, transformadora desse sistema, de forma a tornar viável esse desenvolvimento, porque esse inseticida que foi criado lá em São Paulo, o custo dele é de R\$ 1,22. Para quem não tem nada, para quem está lá catando lixo para poder comer, por que ele vai se importar com o mosquito, se o que importa para ele é ter, um dia seguinte, um prato na mesa? Mas a partir disso, da educação transformadora, a gente transforma o mundo. Pode passar. Então é nesse contexto que eu digo que a educação ambiental é essencial, na questão da saúde, ações efetivas em todas as regiões, em tudo, a partir desse olhar. Por gentileza, pode passar.

Como tornar a educação ambiental ainda mais atrativa com tudo isso que vocês mostraram aqui hoje? Eu gostaria de dar uma sugestão diferente de tudo o que foi pensado até agora. E que sugestão é essa? Eu vou deixar aqui para o Ricardo Silveira falar, porque é um teatro, uma forma lúdica, mas não é um teatro convencional, é um teatro diferente, o teatro de sombras, que qualquer um faz a sua sombra. Vamos lá. Obrigada.

SR. RICARDO SILVEIRA: Boa tarde a todos, meu nome é Ricardo Silveira, sou diretor do grupo Eclipse, Teatro de Sombras, e antes de começar a falar do teatro, eu queria mostrar um pouco do que a gente já fez. Acho que alguns talvez já tenham visto a gente em algum lugar e eu acho que agora vai ficar mais claro o que a gente entrega. A gente pode passar o vídeo, por favor.

(Procede-se à apresentação.)

SR. RICARDO SILVEIRA: Então, pessoal, a gente tem muito orgulho desse nosso trabalho, porque a gente resgata nas pessoas esse lúdico, essa arte que a gente brinca com os nossos pais, quando a gente é pequeno, na luz de uma vela. No balançar das mãos, a gente cria formas e instiga a imaginação da gente para contar histórias. A gente automaticamente cria essa identidade com o público e a gente tem certeza que com as crianças, pelas experiências que a gente já teve, a gente já apresentou em algumas escolas, Dia dos Pais, Dia das Mães, essas datas festivas, a questão de contar uma história através das sombras. A gente, felizmente, teve esse encontro da Mari com o meu sócio, Vinícius, lá no clube, e eles...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. RICARDO SILVEIRA: Muito sem querer. E as ideias, automaticamente, se colaram. A proposta dela de toda essa questão fundamental da sustentabilidade e o teatro de sombras, como veículo para isso nas escolas. Um projeto que a gente já tinha, antigo, e hoje ele ganhou muito mais valor, porque a gente já queria levar isso para as escolas com a proposta de instigar a criatividade, de trazer a arte, que é uma coisa que está se perdendo muito.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): E se apresentar em alguns programinhas, não é?

SR. RICARDO SILVEIRA: É, tem essa questão mais comercial, que permite que a gente alcance mais pessoas. Uma coisa muito gostosa de fazer é colocar depois no nosso canal do YouTube também, Teatro de Sombras Grupo Eclipse, e colocar para as crianças, para vocês mesmos verem, assistirem aos espetáculos. Com certeza, com algumas peças vocês vão se identificar mais do que outras e vão gostar muito. Dá para ficar horas vendo, até hoje a gente faz isso. A gente entendeu o teatro como uma ferramenta muito boa para levar isso para as escolas, tanto na parte da apresentação, que é a primeira proposta, em

que a gente cria uma peça para contar a importância da sustentabilidade na vida do ser humano. Ele precisa aprender de novo a fazer parte da natureza, ele não está aqui para usufruir do planeta, ele está aqui para construir junto com o planeta. O nosso período aqui na Terra é muito rápido, a gente piscou, passou, e o que a gente deixa é o que importa. A quantidade de lixo que o ser humano produz, ainda mais nos últimos anos... Estava até pensando nisso: antigamente, quando eu ia na feira e nas vendas, quando eu era pequeno, naquela época que as crianças ainda iam no mercado comprar as coisas para os pais. A mãe dava dinheiro: "Ah, busca tal e tal coisa para mim". Aí eu ia com os cascos de garrafa...

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Eu era um escravo.

SR. RICARDO SILVEIRA: A gente ia com as embalagens retornáveis, o que hoje é uma coisa que praticamente não existe. As garrafas eram lavadas e reutilizadas, os sacos não eram sacolas de plástico, eram sacos de papel, que duram muito menos tempo. Na verdade, especula-se que o plástico tem uma duração, para poder se desfazer e reaproveitar o carbono para que a Terra consiga absorver o carbono dele de novo, de 400 anos. Mas o plástico não existe há 400 anos, a gente estima isso, a gente não sabe se realmente é. Ser não é mil, se não são dois mil anos. A gente precisa ressignificar os materiais, dar um novo significado para eles que não seja lixo.

Inicialmente, a gente quer montar um projeto para levar para as escolas uma peça em teatro de sombras contando uma relação entre o ser humano e o planeta, apresentando alguns personagens, talvez flora e fauna interagindo com o ser humano, e as consequências da interferência dele, do ser humano no planeta. Posteriormente, a gente gostaria apresentar e acrescentar algumas oficinas de teatro para essas crianças, para também aproximar elas não só daqueles que elas estão assistindo, mas começar a participar. A gente também teve experiência com algumas oficinas, e as crianças adoraram. A gente costuma dizer que a sombra, ela é o elemento mais inclusivo que existe, porque atrás da tela, não interessa se tu és branco, preto, alto, magro, gordo, mulher,

homem, o que interessa é o que tu estás compondo, é o resultado da projeção da tua luz na tela. Dificilmente tu vais conseguir contar uma história sozinho, então, também é um ato social. Aqui, para fazer um elefante, por exemplo, tem cinco pessoas, e aí tem também toda essa questão de “ah, eu preciso fazer um cavalo”. As crianças têm que buscar dentro da identidade delas e cada uma delas tentando fazer uma parte do cavalo, para conseguir montar aquela forma na sombra. A gente teve experiências sempre muito positivas principalmente com as crianças. Essas oficinas, então, a ideia é apresentar isso até como uma maneira deles se introduzirem comercialmente também, porque a gente trabalha com isso até hoje e a gente, realmente, monetiza em cima desses trabalhos que a gente apresentou em grandes eventos ali, e é uma profissão nossa, e nada impede que as crianças, depois, possam... Tomara a Deus que essa arte volte, porque a arte do teatro das sombras é muito antiga, ela veio do teatro chinês, que era com fantoches e marionetes, e hoje a gente utiliza esse formato, que são os grandes formatos: corpos humanos montando e contando histórias. Então, também, um seguindo passo seria levar oficinas de teatro de sombras para as escolas, a gente teria que ver qual seria a capacidade de cada escola para conseguir compor 20, 30 horas de oficina, para tentar contar uma história, a gente tentar montar um roteiro. Além da questão das sombras, tem a questão também da... Vocês viram ali que tem projeções e tem filmes que ficam passando junto, que sustentam a métrica das formas, da entrada e saída dos personagens, como é que eles se montam e tal, isso também vai ao encontro das questões das oficinas de informática, porque os filmes têm que ser montados no computador, nem que sejam imagens, junto com o som, com uma trilha, às vezes, com alguns efeitos especiais sonoros e tal, para conseguir compor essa história. Isso também já integra uma outra área mais tecnológica, que é superinteressante, não que seja fundamental, ela acrescenta, mas a gente consegue fazer, com uma lanterna, com o celular, teatro de sombras, mas hoje eu acredito que a maioria das escolas tenha um projetor multimídia, que é o que a gente usa nos nossos espetáculos, daria para acrescentar esses recursos também.

Por último, a gente tem uma proposta de as crianças levarem esse teatro para a casa, através de livros didáticos, daqueles livros também antigos que, quando a gente abre as folhas, montam estruturas. Não sei se vocês já tiveram esses livros, na minha época era, quando eu era pequeno, bem comum isso, tu abrias o livro e ele montava um castelo, montava personagens. Então, a gente já teve essa ideia também de reproduzir esses livros de novo, e o livro ser o cenário, ser um palco, onde tu colocas o celular na ponta com a lanterna do celular e ele projeta a sombra, e a o aluno com o pai, em casa, vão brincar com as sombras, contando a história que está no livro, entende? Então, a gente também tem essa proposta de levar o teatro de sombras para dentro das casas, também com a proposta ambiental, contando uma história ali da importância e também como, porque não é só assim: “Ah, é importante reciclar”, mas o que vai no verde mesmo, o que vai no vermelho. Então, através disso, levar para dentro de casa, até para não morrer com a criança a intenção, porque a criança vai chegar em casa: “Ah, mãe, aprendi sobre a reciclagem.” “Está, mas pega joga esse saco aqui no valão que eu estou muito ocupada.” Entende? Então, achar mais um veículo ou mais uma maneira da criança conseguir levar isso para dentro de casa, que eu acho que também é muito importante e fundamental. Eu acho que é isso, não sei se me alonguei demais. Qualquer dúvida, é só chamar a gente.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Obrigado e parabéns por esse baita projeto, eu acho que, praticamente, eu vi quase todos pela televisão, assisti, e fiquei surpreso agora que o idealizador está aqui na nossa frente. Parabéns, com certeza é uma inovação e com coisas tão simples, apenas com pessoas e alguns truques.

SR. RICARDO SILVEIRA: Essa é outra questão que eu estava quase esquecendo, obrigado. A maior parte das sombras que a gente monta ali, claro, são corpos humanos, mas muito a gente se utiliza de recursos que a gente chama de estênceis, que são elementos que a gente usa para completar as sombras, como, por exemplo, um chapéu, uma asa de um dragão, a orelha do

elefante é um tecido, e a gente usa muito a reciclagem, a gente reutiliza muito o material. Eu costumo dizer para os meus bailarinos, para o nosso corpo técnico lá que com papelão e fita crepe a gente pode construir o mundo, através das sombras, porque o importante não é o que está por trás, mas é o que está projetando, o que aquilo está significando na sombra, não interessa se é feito de lixo ou se é um chapéu de verdade. Por exemplo, o chapéu lá do chapeleiro louco era um pedaço de pano; na baiana, aquele último do Bradesco lá, a gente estava olhando assim e pensando como é que a gente vai fazer um chapéu de baiana, eu olhei assim: “Pega aquela sacola plástica e bota na cabeça” – e ficou perfeito. Ela pegou a sacola plástica, ajeitou e ficou parecendo aqueles chapéus baianas, eu não sei o nome, devo estar errando, com certeza, o nome, mas, enfim, ficou muito caricato e perfeito. Então, a gente reutiliza muito o material. A gente até fica com o receio, depois, de se desfazer dele, mas a gente não pode ficar acumulando muito, mas, enfim, é uma outra questão também que a gente consegue integrar nas oficinas, que tu consegues aproveitar qualquer coisa.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Obrigado. O Ver. Prof. Alex Fraga e o Ver. Hamilton Sossmeier gostariam de uma colocação.

VEREADOR PROF. ALEX FRAGA (PSOL): Boa tarde, pessoal que está acompanhando as nossas discussões, nossos trabalhos da Comissão de Educação, Cultura, Esportes e Juventude nesta tarde. Quero parabenizar o Vinícius pelo trabalho, eu espero que nossos estudantes possam aproveitar, quem sabe um dia a Prefeitura lance um edital que vocês possam se inscrever, tudo dentro da lei, porque alguns contratos celebrados, em anos passados, pela SMED resultaram em cadeia, inclusive para a ex-secretária, mas está tudo sob investigação. Então é bom que as pessoas que têm um bom coração e boas intenções fiquem dentro da legalidade para não ter problemas, mas eu espero que tenha sucesso tu, o teu grupo, o trabalho de vocês é maravilhoso. Professor Amílio, se me permite, parabéns também pela sua iniciativa, a gente. às vezes, pensa que é uma gota dentro do oceano e, na verdade, de certa forma é,

remamos contra a maré, assim como as minhas queridas colegas a Tati, a Carol, a Angélica, eu vou falar: a mãe do Eduardo, não é? (Risos.) Eu fui professor do Eduardo, filho da Rosella. Eu tenho certeza que, se não fossem essas ações pontuais, que são aplicadas dentro das nossas escolas, através de projetos, através do engajamento da sociedade, a situação que era para estar uma catástrofe, ela está só péssima, por quê? Porque a gente atua, a gente não para, é o nosso exercício da cidadania, é o doar um pouquinho de nós, justamente, para que todos esses problemas sejam minimizados, mas isso é pouco, infelizmente. Eu vou pedir perdão para quem é mais jovem, mas, em 1986, eu acompanhei o trabalho de um diretor do DMLU, que ainda tem vida pública, que é justamente o Vieira da Cunha, que, ao presidir, ao dirigir o Departamento Municipal de Limpeza Urbana, colocou um programa com um boneco horrível, Urbano Limpeza, mas que dava um recado maravilhoso para a população, aparecia na TV, as crianças se identificavam, visitava as escolas, ensinava a triar materiais, mudou a perspectiva do que era lixo para o que é resíduo, isso lá em 1986, mas, infelizmente, todo esse investimento em educação ambiental, à medida que foi abandonado, foi se perdendo, foi se corroendo, se desgastando. E hoje em dia, infelizmente, não há um investimento significativo por parte do Poder Executivo, já de bons anos para cá, que possam retomar minimamente esse estado de cultura, essas práticas básicas, que é justamente triar resíduos. Eu estava lendo um levantamento do próprio DMLU, em 2021, diz que dos 1,6 milhão toneladas que são diariamente, no município de Porto Alegre, destinadas ao aterro sanitário de Minas do Leão, 252 milhões de toneladas poderiam ser reaproveitados, por quê? Porque tem plástico e o plástico é reciclável. Tem muito papel, tem muito metal, e o metal é um insumo riquíssimo para as cooperativas de catadores, é dinheiro para eles, é renda para as famílias. O Plano Nacional de Resíduos Sólidos libera as prefeituras para subsidiarem as cooperativas pelo montante de resíduos que eles conseguem triar e dar um novo destino, que não seja um aterro sanitário. O mesmo valor que se pagaria para o aterro de Minas do Leão, que é uma instituição privada, poderia ser revertido para esses trabalhadores, sem precisar de licitação, sem precisar das formalidades do

processo legal. Poderia; mas Porto Alegre não utiliza isso. O único recurso que os catadores obtêm é o oriundo do seu trabalho e não pelo incentivo da Prefeitura. Então, e eu fico muito triste com relação a isso porque são pessoas, como as gurias trouxeram, são pessoas muitas vezes invisibilizadas dentro da sociedade, estigmatizadas porque trabalham com lixo. Não é lixo; para eles é subsistência, é o dinheiro, é o sustento das famílias, mas que, culturalmente, precisa ser aplicado no Município de Porto Alegre. Todos os anos, a Câmara de Vereadores aprova a Lei do Orçamento Municipal, e, nessa lei orçamentária, todas as secretarias e departamentos têm verbas de publicidade firmadas na lei. Ou seja, alguns milhares de reais, e às vezes até mesmo alguns milhões, são destinados à publicidade, para veicular campanhas em rádio, televisão. Esse recurso é um recurso importante para a educação ambiental; ele precisa chegar até as pessoas. Porque se ficar restrito às comunidades escolares, continuaremos sendo gotas dentro de um oceano, remando contra a maré, fazendo o possível dentro dos limites que o nosso trabalho alcança. Mais uma vez, parabéns para vocês pelo trabalho, que eu já conhecia, mas é sempre bom visitar esses espaços, e perceber, assim, que o trabalho de vocês encanta as pessoas. Quem não conhece olha assim e diz: “Meu Deus, isso tudo acontece dentro de uma escola municipal? Dentro daquela realidade terrível?” E isso é muito bom, ver a valorização do nosso trabalho, como professores e professoras. Parabéns!

VEREADOR HAMILTON SOSSMEIER (PTB): Boa tarde. Quero cumprimentar aqui o nosso Presidente Marcelo, também o Ver. Prof. Alex, os vereadores que já estiveram aqui e tiveram os seus compromissos. A minha fala aqui é no sentido de parabenizar o trabalho de vocês. A gente sabe, inclusive eu estava pensando aqui, estive na COSMAM, que é a comissão do meio ambiente, de como seria bom se esta reunião de hoje tivesse também a participação da COSMAM. Porque o trabalho que vocês fizeram aqui e apresentaram é um trabalho maravilhoso. A gente sabe que, dentro desta comissão, o que nós estamos falando aqui, não trata só da questão da sustentabilidade, do meio ambiente,

mas também podemos estar treinando essas crianças e adolescentes para que possam gerar renda. A gente sabe que o problema ambiental é um problema muito grave, teve um caso, por exemplo, entre os tantos que existem, num determinado bairro ali, onde houve toda uma problemática em função das chuvas, que depois nós fomos pedir para o DMLU fazer uma limpeza lá, e o grande problema do que aconteceu ali, inclusive uma pessoa morreu, naquele local ali, pessoas perderam seus carros, o seu meio de transporte e tudo, justamente porque os bueiros estavam cheios de garrafas PET e tantas outras coisas. E a gente sabe que as pessoas mais antigas, muitas delas, não tiveram essa educação, essa cultura. Então, tem que trabalhar os jovens, tem que trabalhar os adolescentes, tem que trabalhar as crianças de hoje. Eu vejo no meu prédio lá que quem realmente tem cuidado, por incrível que pareça, são as crianças. Eu vi, esses dias, uma criança lá, deveria ter uns sete anos, dizendo: “Não, vó! Não é aí, vó! É aqui, ó, que coloca.” E a avó: “Mas não pode ser aqui?” A criança: “Não pode, vó. Eu aprendi na escola, a gente tem que separar o lixo!” Então, esse trabalho que as escolas desenvolvem, por mais que pareça, assim como disse o Ver. Prof. Alex, ser algo tão pequeno, isso tem mudado a vida de pessoas; tem mudado, tem ajudado. Embora precisasse haver também, como disse o Prof. Alex, um aporte nas secretarias, para que pudesse haver esses investimentos tão necessários. Então, a minha fala aqui é no sentido de parabenizar pelo trabalho de vocês, e salientar que esse tema não pode parar só numa reunião de hoje. Inclusive eu sugiro – e sugiro como encaminhamento – de fazer junto e em conjunto com a COSMAM também, que é a comissão que trabalha também a questão do meio ambiente. Parabéns e muito obrigado.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Obrigado, vereadores.
Para finalizar...

SRA. FERNANDA FORNARI VIDAL BARAZZUTTI: Quero acrescentar também que a educação ambiental é um tema transversal, que perpassa o currículo do ensino fundamental. É um tema que cotidianamente é trabalhado de alguma

forma em todos os níveis do ensino. Então, esse tema é trabalhado, sim, e eu falo, assim, com certeza, em todas as escolas, em todos os níveis de ensino. Algumas escolas, ao longo do ano, fazem projetos de alguma temática específica. Então, alguns projetos pequenos, projetos médios, que duram uma semana, meses. Fora isso, tem algumas escolas que têm um projeto específico de alguma temática que duram o ano todo. Hoje nós temos aqui duas escolas representando, mas nós temos muitas outras escolas na rede que também têm outros projetos de sustentabilidade. Nós fizemos um levantamento, antes de vir para cá, mais de mais de 15 escolas têm projetos de sustentabilidade. Das 50 escolas de ensino fundamental, a gente não tem ainda todas lá registradas no ano de 2024, mas, com certeza, mais de 15 têm projetos de sustentabilidade em vigor no ano de 2024. E eu lembro assim, a Escola Municipal Lauro Rodrigues é uma escola que já, há anos, tem um professor que é técnico em educação ambiental, que atua 40h na escola com um projeto de educação ambiental que os alunos amam de paixão, eles têm um período semanal que está no currículo da escola, em que eles vão lá e fazem o projeto com o professor. Isso é uma constante no ensino das escolas da rede.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Muito obrigado. Com certeza, esta é a primeira reunião de muitas; então, tem que chamar a COSMAM, sim. A gente pode inclusive ampliar, né?! Porque nesta primeira a gente pôde entender a dimensão do que a gente está tratando e do que a gente precisa, então, com certeza, podemos fazer uma reunião conjunta, vereadores, para que a gente consiga ampliar mais. De repente, fazer no plenário Ana Terra, para poder convidar mais escolas, convidar mais atores que sejam importantes. E como a senhora falou, é desde a educação infantil até a universidade, é muito amplo. E para finalizar, para fecharmos com chave de ouro a nossa tarde de hoje, vamos ouvir então, representando a SMAMUS, a Juliana, por favor.

SRA. JULIANA HERPICH: Boa tarde, eu sou a Juliana, sou da educação ambiental da Secretaria de Meio Ambiente. Só para deixar o registro de que

estou muito feliz por tudo o que a gente ouviu das escolas. A Escola Liberato a gente já conheceu, já tinha tido a oportunidade de estar lá, de trabalhar junto. Quero falar um pouquinho do que a gente desenvolve na Secretaria de Meio Ambiente. Hoje, apesar de nós sermos uma equipe pequena, a gente trabalha bastante com a educação ambiental não formal em praças, parques e unidades de conservação, e atende escolas também conforme demanda. As nossas atividades buscam trabalhar de maneira lúdica, de maneira a fazer com que o indivíduo se torne participante, se sinta pertencente àquele ambiente. Então trilhas interpretativas em parques, praças, unidades de conservação; observação de aves. O Parque Mascarenhas de Moraes é um em que frequentemente a gente faz atividades e justamente por lá ser um ambiente característico de diversas espécies; nós temos ninhais de garças lá, então, lá é um local em que frequentemente a gente realiza atividades.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Tartarugas... Inclusive acho que já parei mais de 30 vezes, por que elas escapam, elas saem do bosque ali e querem atravessar a rua, eu paro o carro. Só que agora eu aprendi porque antes eu as pegava muito próximo, e saía muita água e me molhava. Agora e já pego elas assim (faz gesto) e já as coloco de volta dentro do bosque.

SRA. JULIANA HERPICH: E, nessas atividades, a gente sempre tenta relacionar aspectos da fauna, da flora e de sustentabilidade, fazendo com que o indivíduo que caminhe no parque comece a prestar atenção ao redor. Além disso, com as escolas, a gente trabalha conforme demanda, conforme a vocação da escola. Por exemplo, acho que foi no Liberato que a gente fez uma palestra sobre uma árvore, a falsa seringueira?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. JULIANA HERPICH: Isso. E a gente teve a oportunidade de conhecer a horta também, e os alunos super empolgados. Então a gente acaba tendo

contato e vendo o quanto o ambiente escolar é catalisador dessas ações de educação ambiental, o quanto os alunos depois se tornam multiplicadores do que a gente passa. E, por isso, é tão fundamental a gente trabalhar isso.

Para encerrar, então, pensando no plano de municipal de educação ambiental, acho que a gente tem que levar em consideração essa vocação das escolas. Não adianta a gente fazer um plano que vá ser igual porque cada escola tem uma vocação diferente, uma aptidão, e isso tem que ser levado em consideração. Por fim, deixar a equipe à disposição para que as escolas nos procurem através do *e-mail*, através do telefone, podem nos contactar, a gente consegue dar esse apoio.

E dizer também, por fim, que várias ideias aqui hoje que brilham, não é? Acho que os colegas todos vão... A gente vai tendo, conforme vai escutando, mais ideias. A gente também trabalha bastante com parcerias porque, enfim, as equipes da Prefeitura acabam sendo muito pequenas, e a gente tem tido um bom avanço assim na questão de parcerias com universidades e com ONGs, clubes, associações que também desenvolvem atividades junto, como, por exemplo, o Clube de Observadores de Aves que fornece as oficinas de observação, que a gente consegue chegar a locais. Bom é isso, fico à disposição.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Então no Parque Mascarenhas tem muito observadores. Seguidamente lá tem vários grupos em que o pessoal vai para lá para tirar foto, para fazer estudos lá. Eu presenciei direto, vem gente do mundo todo para ver, porque é o segundo maior parque da cidade de Porto Alegre. A gente tem feito um trabalho ali principalmente para deixá-lo da melhor forma possível para que as pessoas possam entender que é um parque público, mas que também tem que ser cuidado por todos. E infelizmente todo o chão dele, todo o terreno é um lixão, tem esse problema porque, quando colocaram todos os postes de iluminação novos lá, fizeram muitas aberturas de riscos, e era um absurdo a gente ver. Porque tu vias verde com lixo então era muito difícil, sabes? Uma imagem que tu não imaginas que aquele parque lindo tem toda aquela que situação embaixo.

Então quero agradecer a todos que estiveram aqui presentes. Parabéns pelo tema, por terem provocado, porque é um tema importante. Parabéns novamente, Vinícius, por esse trabalho. E, com certeza, terás muito a acrescentar, principalmente com esse teu projeto, à Cidade de Porto Alegre, para que seja também juntamente com os projetos que as professoras, que as diretoras têm. Porque é loucura, é loucura o tempo todo, e tentando trazer, tentando colocar a realidade e principalmente trazer esses jovens, porque hoje a maior dificuldade que tem, não é, professora? É reter atenção dos nossos jovens. Então, no momento em que a gente tem que inovar, em que a gente tem que... Porque cada região é uma cultura, e a gente tem que entender que essas regiões têm culturas. A Dique é uma cultura diferente, a Ilha dos Marinheiros é uma cultura totalmente diferente, e assim se vai, a Bom Jesus... Então cada uma tem sua peculiaridade, tem a sua cultura. No Sarandi é a mesma coisa. Então acredito que todos, e vocês têm que estar sempre inovando, porque não adianta fazer... Eu sempre digo: o conselheiro tutelar – eu fui, por 20 anos, conselheiro tutelar e a gente, muitas vezes, tem que sair um pouco fora do que está dentro do Estatuto da Criança e do Adolescente. Porque a realidade é uma... A lei é linda, maravilhosa, mas, se nós não fizermos algumas coisas além do nosso trabalho, a gente não consegue fazer nada. Então eu acredito que nós podemos, sim, fazer a diferença. Agradeço ao professor Alex, na outra comissão – eu sei eu acabei de falar –, eu e ele sempre ficávamos nos finais, fechávamos a sala. Ele foi meu colega na CEDECONDH, na comissão passada.

Quero colocar aqui, mais uma vez, vamos nos programar para fazermos uma próxima reunião, só que daí, Alessandro, usar o Ana Terra, acho que já vai estar pronto. E pegarmos um dia em que for televisionada, por quê? Porque nós podemos colocar, multiplicar. Podemos usar esse material através das redes sociais, através de grupo de WhatsApp, para a comunidade. Então vamos nos organizar para que seja num dia. Faço o convite para o senhor fazer a sua apresentação novamente aqui, para a Maria Ângela e para todas as escolas aqui; também vou convidar mais escolas. E a gente usa um espaço maior para que a gente possa trazer mais, trazer alunos que fazem parte desse projeto para

que a gente possa mostrar a realidade através da TVCâmara, que tem feito um trabalho maravilhoso aqui juntamente aqui conosco, vereadores.

Então agradeço a presença de todos. Mais uma palavrinha? A Sra. Angélica Kafrouni está com a palavra.

SRA. ANGÉLICA KAFROUNI: A gente não consegue ouvir, quer dizer, a gente ouve, mas pensa. E eu gostaria de propor aqui um desafio para que a gente não fique só nesse momento legal de compartilhamento e de constatações, mas que esta Casa pudesse buscar, a partir do que foi dito aqui, alguma forma mais efetiva de realmente todos nós conseguirmos êxito. Que seja pelo comprometimento de todos os entes desta sociedade, do comprometimento de todas as secretarias, independente... Eu não sei como se faz isso, mas, independentemente do partido, que todos fossem aliados numa causa que é urgente e tão importante. Que a gente não fique só nesse momento essa é a minha proposta.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Com certeza. Eu acredito que nós possamos, sim, ter essa organização e fidelização de parceria, de crescer cada vez mais essa corrente. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 16h20min.)